

SONETOS DE VÁRIOS AUTORES

ALVARO FARIA
ALDA PEREIRA PINTO
ALFREDO MORAES
ANAZILDO RIBEIRO
DURVAL LOBO
ENO TEODORO WANKE
ISAÛ ALMEIDA LÔLA
JOSÉ DAMIÃO DOS SANTOS
MARIA MOURA DA COSTA
MURILLO S. ARAÚJO
NEMÉCIO CALAZANS
RUY AFRÂNIO PEIXOTO

RIO DE JANEIRO

1976

Este livro é publicado sob regime de co-autoria, modalidade que alguns poetas encontraram para superar as dificuldades de edição de obras de poesia.

Doze são os poetas que nele figuram — dez homens e duas mulheres —, apresentando-se em ordem alfabética: ALVARO FARIA, ALDA PEREIRA PINTO, ALFREDO MORAES, ANAZILDO RIBEIRO, DURVAL LOBO, ENO TEODORO WANKE, ISAÚ ALMEIDA LÔLA, JOSÉ DAMIÃO DOS SANTOS, MARIA MOURA DA COSTA, MURILLO S. ARAÚJO, NEMÉCIO CALAZANS e RUY AFRÂNIO PEIXOTO.

As composições foram escolhidas pelos próprios autores, cabendo ao poeta Alvaro Faria coordenar os trabalhos necessários à realização da obra.

Trata-se de livro composto exclusivamente de sonetos, forma de composição

As duas Agredas
abraços,
com
ao Ruy Faria
Natal 1976

SONETOS
DE
VÁRIOS AUTORES

SONETOS DE VÁRIOS AUTORES

ALVARO FARIA
ALDA PEREIRA PINTO
ALFREDO MORAES
ANAZILDO RIBEIRO
DURVAL LOBO
ENO TEODORO WANKE
ISAÚ ALMEIDA LÔLA
JOSÉ DAMIÃO DOS SANTOS
MARIA MOURA DA COSTA
MURILLO S. ARAÚJO
NEMÉCIO CALAZANS
RUY AFRÂNIO PEIXOTO

RIO DE JANEIRO
1976

ALVARO FARIA

ALVARO FARIA (Álvaro de Paula Faria) nasceu no Rio de Janeiro em 1918. Filho do poeta Antônio Vicente de PAULA FARIA e de D. Beatriz Castro de Paula Faria, ambos falecidos. Bacharel em Direito pela Universidade Gama Filho e Economista pela Faculdade Cândido Mendes. É Inspetor de Previdência do INSP, onde ocupa cargo de chefia no Serviço de Fiscalização. Tem colaborado na imprensa do atual Estado do Rio de Janeiro. Foi, por vários anos, colunista literário da revista "Vida Carioca". Publicou: "A Rosa Orvalhada" (Poesia), em 1949; "Sonetos & Poemas", em 1955; "Trevo de Trovas", em 1960; "Rosas do Outono" (Novelas Curtas), em 1963; "Trovadores Brasileiros" (Antologia), em 1963; "Giraflor" (Trovas e Minitrovas), em 1965, e "Fala Acadêmica", panegíricos de Tasso Fragoso e Hermes Fontes, em 1974. Organizou, em co-autoria com outros poetas, a antologia "Rosal Fraterno" (1969); Figura em "Poesias de Vários Autores", em "Contos e Crônicas de Vários Autores" e em "Poemas de Vários Autores", publicados pela Cenáculo Brasileiro de Letras e Artes, e em "Trovas de Vários Autores", publicado pela Academia Brasileira de Trova. Figura também em "Antologia de Poetas da Nova Geração" e em "Antologia da Moderna Poesia Brasileira", organizados por Alcides Pinto, e em "Trovadores do Brasil" (1.º Vol.) ,organizado por Aparício Fernandes. Membro fundador do Cenáculo Brasileiro de Letras e Artes e da Academia Brasileira de Trova; pertence à Sociedade de Homens de Letras, ao PEN

Clube, à Academia Guanabarina de Letras, ao Cenáculo Fluminense de História e Letras, ao Instituto Campograndense de Cultura e a outras instituições literárias e culturais. Possui as Medalhas "Pereira Passos" e "Imperatriz D. Amélia, Duquesa de Bragança", da Academia Guanabarina de Letras.

Res. — R. Itacuruçá, 26 - ap. 301 - Tijuca - Rio

O TEMPO E A VIDA

Vão-se os dias passando, vão depressa,
despertando ilusões, gerando enganos.
Vão-se os dias e os meses, vão-se os anos,
e não passa esta vida de promessa.

Tudo chega a seu termo, mal começa,
e transforma a esperança em desenganos.
O homem ergue castelos, traça planos,
mas o tempo os desmonta peça a peça.

O homem tenta viver; labuta, anseia,
transpõe rios, montanhas, destemido,
a alma de sonhos e projetos cheia.

Um dia pára, e vê, desiludido,
castelo reduzir-se a grão de areia
e a vida se acabar sem ter vivido.

MATURIDADE

Eu vivia contente e não sabia
que a tristeza por tudo nos espreita.
Minha vida de jovem era feita
só dos guizos e flores da alegria.

Mas os anos passaram. Dia a dia,
vi que sempre a ventura é contrafeita:
se, hoje, a sorte nossa estrada enfeita,
amanhã torna-a íngreme e sombria.

E, assim, vamos vivendo neste Vale
de Lágrimas, de dores e tormento,
procurando no sonho algo que embale

o nosso coração, algum momento
que o pranto em nosso peito agora cale,
mas logo passa, leve, como o vento...

SONETO DA VENERAÇÃO

Coloquei-te no trono. Eras rainha
e esplendias de graça e de beleza.
Teu vassalo me fiz, senhora minha,
fez-me escravo de amor tua nobreza.

Coloquei-te no altar. De ti me vinha
uma luz misteriosa e tal pureza
teu sorriso mostrava, que entretinha,
num engano feliz, minha tristeza.

Elevando-te assim, nem mais sabia
se eras luz, se eras carne; e então vivia
os meus dias tranquilos e risonhos.

Afinal te perdi. E, compungido,
de alma angustiada e coração ferido,
coloquei-te no túmulo dos sonhos.

ANSIEDADE

Linda flor de beleza e graça plena
nasceu no meu jardim de amor e sonho;
transformou meu viver, que era tristonho,
numa estrada de luz em tarde amena.

Banhado ao sol do amor, de alma serena,
cultivei-a feliz, presto e risonho.
Era a flor da ventura, com que sonho,
numa vida de paz, sem dor nem pena.

Cultivei-a feliz, mas eis que um dia
atingiu meu jardim a tempestade,
sucumbiu minha flor à ventania.

Hoje vivo a curtir esta ansiedade
do veneno sutil da nostalgia
e do espinho ferino da saudade.

O QUARTO

A luva sobre a mesa, o jarro, as rosas,
murchas agora, já sem vida... E, em tudo,
abandono e silêncio... E as mimosas
japonesinhas no criado mudo...

Ouvindo a voz das coisas silenciosas,
vou tocando-as de leve, e assim me iludo:
acaricio as suas mãos sedosas
nos dois belos gatinhos de veludo.

Em tudo a grande dama está presente,
em tudo ela deixou seu fino traço,
nas coisas, nos objetos, no ambiente.

Deito-me. Olhos cerrados, membros lassos,
revivo o nosso amor de antigamente
no leito em que eu morria nos seus braços.

ESTRELAS

Amei Judith, amei-a loucamente,
e julguei que a ninguém mais amaria;
mas, eis que, por acaso, um belo dia,
Maria apareceu-me de repente.

E logo apaixonei-me por Maria,
que era em graça e beleza resplendente,
e, de mansinho, habilidosamente,
fez do meu coração o que queria.

Veio depois Zizi, depois Odette,
e Ruth, e Lira, e Creuza, e Elizabeth...
Cada estrela passava no esplendor...

E se outras hoje relembrar intento,
penso: as mulheres passam como o vento,
vão-se as mulheres, fica só o amor.

DO AMOR

Vós, que amastes, sabeis; porém, aquele
em cujo peito o amor não teve abrigo
se rirá destas coisas que vos digo
sem saber do pesar que temos dele.

Vós, que amastes, sabeis; o amor impele
o amante para o Alto. É puro trigo
que alimenta a esperança no mendigo,
e faz que um rei escravo se revele.

Se sofre o amante e grandes males sente,
se tem sossego e paz o desamado,
eu vos digo seguro e convincente:

Melhor, então, viver no ansioso estado,
sentir o amor profunda e intensamente,
depois morrer de amor crucificado.

HISTÓRIA ANTIGA

Ela sempre dizia: "Amo-te tanto..."
Escutando-lhe a voz, então eu via
nos seus olhos lampejos de alegria
e seu rosto ganhava mais encanto.

"Sou toda tua, amor; ama-me, enquanto
este corpo não desce à terra fria..."
E, entre beijos e abraços, repetia,
agarrando-se a mim; "Amo-te tanto..."

Mas, a luta da vida, certo dia,
fez-me triste partir. Ficou chorando
aquele amor que tanto me queria.

Escrevi-lhe. Silêncio. Eis senão quando,
certa vez a encontrei. Ela sorria
já de braço com outro, e foi passando....

FILOSOFIA

"Sorri", disse o poeta. "Nada alcança
quem se entrega à descrença e ao pessimismo;
pois, quem perde a virtude da esperança,
sem saber, vai cavando o próprio abismo".

"Faz castelos", disse ele. "Sonha e avança
pela vida com fé, sem derrotismo.
Põe a lágrima e o riso na balança
e verás renascer teu otimismo."

Vou seguindo o conselho (aceito em parte)
que puseste em teu livro, com tal arte
que, por certo, cativa muita gente.

Trago sempre um sorriso à flor dos lábios,
e, guardando a lição de velhos sábios,
me tornei pessimista sorridente...

TESTAMENTO

Lego meus versos aos poetas; lego
meu carinho às mulheres; às crianças,
lego um longo rosário de esperanças;
deixo a luz dos meus olhos a algum cego;

aos desvairados, deixo meu sossego;
aos famintos de amor, lego essa herança:
as mulheres perdidas na lembrança,
as mulheres que tive sem apego;

deixo um laivo de luz aos suicidas;
às chorosas ex-noivas iludidas,
a promessa de paz consoladora;

às aves mudas, lego a voz do canto;
aos peixes deixo as águas do meu pranto;
e a Ti, meu Deus, minha alma pecadora.

ALDA PEREIRA PINTO

ALDA PEREIRA PINTO nasceu no Rio de Janeiro. Professora pela UFRJ e Diretora do Instituto Villa-Lobos. Cidadã Benemerita do Estado. Atual Presidente da Academia Feminina de Letras e Artes do Rio de Janeiro, pertence ao Cenáculo Brasileiro de Letras e Artes, ao PEN Clube do Brasil, à Academia Guanabarina de Letras, ao Cenáculo Fluminense de História e Letras, à Academia Valenciana de Letras, à Academia Duquecariense de Letras, ao Instituto dos Centenários, ao Centro de Estudos e Atividades Artísticas (CEATA) e ao Salão de Poesia da UNITER. Possui as Medalhas "Imperatriz D. Amélia, Duquesa de Bragança" e "Pereira Passos", da Academia Guanabarina de Letras, e "Euclides da Cunha", do Clube dos Estados, de São Paulo. Publicou: "Aprende a Cantar", "Volatas", "Pássaro de Vidro", "Treva Branca", "Penacho de Vento", "Pedra Viva", "Rosa de Fogo", "Garoa de Sol", "Teclado de Bronze" e "Coringa sem ás", todos livros de poesia. Tem no prelo: "Lágrimas Verdes" (Poesia).

Res. R. Ferreira Viana, 46 - ap. 202 - Flamengo - Rio

MEU TETRARCA

Construí meu castelo na ruína
de um coliseu tombado, na lembrança;
um palácio elevado entre neblina
e "intermezzos" de chuvas e bonança.

Meus vassalos, em torre levantina,
usam viseiras. Se o inimigo avança,
da fortaleza a guarda se aglutina
agalochoando a minha segurança.

No alto do castelo, em forma de arca
ornada de cristal alabastrino,
tem um bronzado e sonoro sino

como o da "Notre Dame" de Paris
que só badalará quando eu, feliz,
der as chaves feudais ao meu tetrarca.

SACRILÉGIO

Estou indo de carro a tarde inteira
andando sobre rodas. A saudade
é o que sinto nesta quarta-feira
de trevas, de retiro e soledade.

Subo em terceira a estrada sem barreira,
piso o acelerador com acuidade.
Gemem os pneus, e, na velocidade,
também meu coração geme cansada.

Atinjo o alto. Olho o deslumbramento
do por do sol, a robustez da vida;
e em vez de orar na quarta-feira santa,

penso na tua imagem que me encanta,
peço de graça ,e, de cabeça erguida,
dou mil graças a Deus por teu talento.

POR QUE?

Ajoelhada estou neste oratório
para te perguntar, Jesus querido:
será que tenho culpa em teu cartório
para sofrer o quanto hei padecido?

Senhor, a multidão é meu velório;
rio sentindo o coração sofrido
e tudo o que me vem, vem repartido,
inacessível, inane e ilusório.

Se eu erros cometi, os desconheço,
e não compreendo dor que não mereço.
Vivo às escuras como quem não vê;

pois, meu Jesus, se és tu meu pai e amigo,
por que me dás este cruel castigo
de amar demais e viver só, por que?

FAÇO O QUE QUERO

Quisera padecer de analgesia
e poder diluir o meu passado,
decretar o meu sonho não sonhado
e mandar para o inferno a nostalgia.

Depois que me surgiu tanta aceria
senti um pouco o coração pesado,
talvez porque inventaram ser pecado
amar pastor de uma outra freguesia.

Porém, se agora alguém fechar-me a porta,
eu saberei entrar pela janela,
pelo postigo, ou chaminé qualquer.

Se falarem de mim, pouco me importa,
pois sou aquela, exatamente aquela
que luta até o fim pelo que quer.

SOFRIMENTO E DELÍCIA

Minha alma escrava de ideais sedenta
exulta e sofre ao entardecer sereno.
A brisa é fresca e o farfalhar ameno
das verdes folhas, beija-me e acalenta.

Mas, que tristeza muda me atormenta
neste "tramonto" em que me alegre e peno!
Saúdo o céu crepuscular, moreno,
e temo a escuridão que se apresenta.

arrebanhando inércia, estrelas, lua
e mais que tudo, uma lembrança tua
que me fará maior a solidão.

Por isso, essa magia do poente
enche minha alma de ternura ardente
e me invade de medo o coração.

AMO

Tanto carinho em tua fala amiga,
quanto desejo em teu ardente olhar!
tudo relance que o pudor desliga
não dando tempo de me completar.

Não sei se fujo do que tanto intriga
meu coração disposto a te abrigar,
nem acredito que Deus me castiga
porque amo tanto a quem não devo amar.

Mas não devo por que, se amor é vida
quando sincero e desinteressado?
Assim não fugirei do amor, querido,

e o guardarei apenas escondido
para não te fazer compromissado,
pois te quero feliz, não desgraçado.

SINO DISTANTE

Tange um sino na Glória. Eu o ouço tão distante!...
Nesta manhã de sol, quando tudo se anima,
me atormento infeliz, tal qual uma menina
que perdeu seu brinquedo e o procura constante.

Estou triste e este sol continua brilhante
como sempre se fez. Sua luz purpurina
hoje que enferma estou, magoada, pequenina,
brilha aqui, brilha ali, brilha mais adiante.

Eu que sempre pensei ser o sol meu amigo
recebo dele agora um mísero castigo
em radioso clarão a me ofuscar os olhos,

a me trazer à mente os submersos abrolhos
com teu perfil gravado, austero e cambiante.
Talvez por isso eu ouça o sino tão distante.

PERDOA-ME

Eu te peço perdão por não poder te amar;
e seria tão bom se eu te aceitar pudesse!
Não me pertenco mais, muito embora quisesse
ter forças, ser capaz de contigo casar.

Bem sei ser grande a dor (é de desesperar)
quando amamos em vão. Mas, se a ti eu me desse,
seria quase como um crime que eu fizesse
e depois não devesses jamais me perdoar.

Eu já te confessei que adoro um outro alguém
que talvez só me estime, não me ame também.
Mas por amá-lo eu, a amar-me não o obrigo.

Tu serás para sempre um grande e fiel amigo
que admiro, gosto e em quem poderei confiar,
mas... te peço perdão por não poder te amar.

MEU ÚNICO PEDIDO

Bem sei que estou chegando ao fim da estrada
onde será plantado o meu cipreste;
não vou chorando, nem meu eu se investe
contra alguma ventura a mim negada.

Nos rendados do nunca, amortalhada,
chuvas não sentirei nem vento agreste,
ser mortal não verei mais que conteste
meu tão sublime amor, nesta jornada.

Só quero que, se tu, passeando um dia,
passares pela casa do meu fim,
sòzinho, ou mesmo em terna companhia,

lambres que foste tudo para mim,
e que o beijo que quis e me não deste
dês à folha mais verde do cipreste.

QUERO ACABAR

De tudo desisti, meus desejos calquei
com sapatos de ferro e saltos de madeira.
Tudo, tudo acabou. A vida corriqueira
passou por mim sorrindo a ao inferno a mandei.

Veio depois o sonho, as costas lhe virei;
a poesia chegou, passou como poeira;
da música o soar me pareceu zoeira;
só às vozes do amor sofri muito e chorei.

Por fim, Deus me surgiu com as barbas compridas
a me falar das coisas boas de outras vidas
onde os homens de bem irão ressuscitar.

Então eu disse a Deus: nada disso me importa,
porque eu já morri, sou fantasma, estou morta,
não preciso morrer, senhor, quero acabar.

ALFREDO MORAES

ALFREDO MORAES nasceu a 18 de novembro de 1910, em Maruim, Sergipe. Filho de José Moraes e Antônia Moraes. Fez o curso primário na Escola de Aprendizizes Artífices de Sergipe, hoje Escola Técnica. Diplomado pela extinta Escola Normal de Artes e Ofícios Venceslau Brás, situada no Rio de Janeiro. Exerce o magistério em órgão da Marinha de Guerra. Publicou: "A Chorar e Sorrir" (Trovas), "Os Quatro Cantos das Férias" (Poema), "Sa Chica" (Poema em quadras) "Rosal Fraternal" (em co-autoria), "Aparecida" (Poesia e Prosa), "Flores Para Minha Amada" (Poesias), "Poesias de Vários Autores", "Contos e Crônicas de Vários Autores" (ambos sob os auspícios do Cenáculo Brasileiro de Letras e Artes); "Trovas de Vários Autores", (sob a égide da Academia Brasileira de Trova); "Discursos Acadêmicos" (em parceria com Nair Staring); "Poemas de Vários Autores" (sob o patrocínio do Cenáculo Brasileiro de Letras e Artes. Membro da Academia Brasileira de Trova e Fundador do Cenáculo Brasileiro de Letras e Artes, nos quais seu patrono é Tobias Barreto. Membro Fundador da Academia de Letras e Artes de Nova Iguaçu, em que seu patrono é Sílvio Romero. Sócio do Centro Sergipano. Pertence a outras instituições litero-culturais do Brasil e é Membro Correspondente da Liga Afetiva Portugal-Brasil, Membro Correspondente e Colaborador do Cenáculo Literário, am-

bos sediados em Lisboa. Na qualidade de Professor, possui a "Medalha de Ouro" que lhe foi conferida pelo Exmo. Sr. Diretor do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro "em reconhecimento ao trabalho e esforço desenvolvidos em prol do AMRJ durante 30 anos".

Res. R. Dona Delfina, 15 - ap. 106 - Tijuca - Rio

A MEMÓRIA DE MEU PAI

No meu pobre rincão de estado nordestino,
Em folga domingueira e cheio de prazer,
Meu bravo genitor, a pé, qual peregrino,
Comigo andava ao léu antes de amanhecer...

Ele era perspicaz e de ato repentino;
Eu, todo ingenuidade. E, pois, sem perceber,
Ao Místico-Senhor cantarolava um hino,
Hino que nos aclara o imponderável ser.

Certa vez, ao rumor cantante da floresta,
Meu pai me perguntou: — Ouviu coisa assim, hem?...
É um meigo sabiá... que a outro ali contesta...

Contigo, ó companheiro, andando sempre além,
Após muito pisar caminhos de aspereza,
Fui ganhando noção de Deus e a Natureza!

EU, SENHOR...

Dos gritos de minh alma faço canto;
Se houver motivo, no íntimo gargalho!
Evito estrada longa, sigo o atalho,
Protejo o coração, isto garanto.

Suponho-me feliz, Senhor, porquanto,
Escravo do meu lar, firme batalho.
Não perco noite à mesa do baralho,
E muito bem disposto me levanto.

Em alguns meios, Pai, me desajeito:
Não penso que sou bom, tenho defeito;
Não vim para modelo ser do mundo.

O meigo Jesus, sim; e Cristo, aliás,
A bem de todos nós sofreu profundo
E ao fim menos valeu que Barrabás!...

DESILUSÃO

Um belo sabiá! Um sabiá-coleira;
Não fazia exceção: era, também, arisco.
Eu, para vê-lo e ouvi-lo, à margem pus o risco
De encontrar, certamente, uma cobra traiçoeira.

Primavera... verão! Bonita sexta-feira
Nos prometia o sol, a que horas não arrisco.
Sem quase respirar — quando a lua era um disco —
Ouvi do sabiá a sonatina inteira...

Que afinação de voz! Voz de harpa e violino!
Aquele sabiá, sublime trovador,
Era de estarrecer... E, para mim, divino!

De quantos já ouvi, ele seria o Rei!
Jamais pude esquecê-lo, e, velho caçador,
Após comparação, um dia o meu soltei!!

AMOR-VENERAÇÃO

Para minha esposa

Pousada, amado meu, a cabeça em teu peito
Minhalma te ouve bem a voz do coração.
Ouvindo o respirar distante do perfeito
Não sei como exprimir... e tentaria em vão.

Inclusive, entendi-te o último conceito,
Que não surgiu completo, infelizmente, não.
Sem tanto merecer, amada, me deleito
Com a troca de amor, de amor-veneração.

Os anos que perdi sem tua companhia
São anos a ganhar naqueles que eu viver;
Mil anos, minha flor, contigo viveria,

Mas nem metade, ó Deus, atinge o humano ser!
Quando um de nós partir o Senhor o outro guarde,
Até nova união, brevemente ou mais tarde!

TENHO CERTEZA

Vaguei com o pensar, arguto, de escoteiro,
A procura de Deus, que não tem dedo em riste.
Eu sei que existe Deus, Um só e verdadeiro;
E Deus é o promotor de tudo quanto existe.

Com esta afirmação, serei o derradeiro
A vir a concordar com quem inda persiste
Em ser, agora e sempre, o ímpio ou incréu luzeiro
A dizer que o Senhor é lenda para o triste.

Nada pode exisir sem ter tido um criador;
Responda prontamente e sem sofisma pôr:
O Cosmo quem o fez? Responda amigo meu.

Não sabe, então, lhe digo, e, pois, armas não terço;
Quem criou a Terra, o céu, enfim, todo Universo
Foi — nisto vai certeza — um grande sábio ateu!...

NUM HOSPITAL

Afirmam, companheiro, eu não invento,
 Artista a quem a dor é raridade
 E desconhece o forte sofrimento
 A inspiração maior dele se evade.

Medita no Camões, que não lamento
 O que lhe aconteceu — barbaridade!
 Sem isto ficaria no talento
 o gênio luso, gênio de verdade!

Segue do Vate, amigo, o lindo exemplo;
 Contrário ao pessimismo — lenta morte —
 Supera o sofrimento, inda que forte!

Ês de valor! Ao Belo erije um Templo
 Cantando tu, ó bardo, Hinos à Vida,
 E à Pátria, que será agradecida!!

E POR QUE TU?!

*Ao poeta Guimarães Barreto
 autor de "Bodas de Ouro"*

"Dizem que o irapuru quando desata
 A voz"...

Humberto de Campos

"Por que não nasci eu um simples vagalume?"

Machado de Assis

O raro uirapuru, ave canora,
 Encanta a amazônica floresta.
 Não ouvi-lo o sabiá tanto deplora,
 Que um dia, em revoadas, ei-lo na testa...

Na roda heterogênea, sem demora,
 Se ajeita o visitado, e, de-alma-em-festa,
 Manda a volata incrível, finda agora:
 — O uirapuru é o Rei!... Quem o contesta?!

Pudesse com tal estro e convincente
Amenizar a dor de tanta gente
Que poemas de amor eu comporia!

Mas, Deus, não sou capaz. E por que Tu
Com essa universal sabedoria
Não me deste o poder do uirapuru?

ELOIM

Ao poeta Félix Aires, autor de "Petro".

Por que não aceitar a existência de Deus?
Por invisível ser? Problema isto não é.
Vêem a eletricidade os vivos olhos seus?
Não. E ela fulminou Chessman, Paulo ou José.

Matéria entronizada! Oh, pensamentos meus!
No Dualismo insistir é persistir na Fé;
Monismo, bom rapaz, o pregam os ateus,
Que tentam fabricar... a Vida, a Vida até!

Devemos dar valor à força dos sentidos,
Os Mistérios, porém, não serão resolvidos.
— Não divague, ó pastor, que é Deus? Defina e já!

— Deus, no hebraico — Eloim ou Javé ou Jeová,
De eterno brilho — a Luz, é do Cosmo o Criador,
Que iluminou Jesus — o Mestre e Redentor!

ARREPENDIMENTO

Um raro sabiá... Desde que alvorecia,
Aqui no meu quintal, grimpado na mangueira,
Depois de solfejar cantata bem ligeira,
Partia alegremente. E, ao fim do mesmo dia,

Com toda exatidão, ei-lo que ressurgia.
Que beleza! O cantor, o plume-laranjeira
Produzia a impressão, correta, lisongeira...
De que me flauteava a doce "FANTASIA"!

Fim de outubro, vigor na linda primavera
E o pobre se sumiu, porém, meu Deus, pudera!
Um jovem, soube após, matou o sabiá!

Nos tempos de guri, filhotes apanhei...
Dar vida, quem me dera, a seus pais, se os matei;
Para isto, eu, Senhor, faria tudo e já!

SINFONIA DO AMOR

Sinfonia do amor é algo que eleva o ser
Às altas regiões do universo ideal;
Seu prelúdio é, talvez, o mais claro fanal,
Fanal de intensa luz, que se põe a crescer.

O prelúdio do amor impele o bem-querer
Com alma e coração para além do real.
Já o andante do amor parece um vendaval,
Vendaval de paixão, que faz enlouquecer...

Da louca sinfonia o presto é terminado,
E lá vem o final, final alucinante;
Só o descreverá um poeta qual Dante.

No ponto alto do amor o corpo à alma se irmana;
O delírio entre dois, não há fugir, é fado,
Um minutinho após é sossego, é nirvana...

ANAZILDO RIBEIRO

ANAZILDO RIBEIRO (Anazildo Bastos Ribeiro), poeta, prosador e conferencista, nasceu em Manaus, AM, em 20-08-1915. Filho de Torquato Antônio Ribeiro e Antônia Bastos Ribeiro. É coronel reformado da Polícia Militar, oriundo do antigo D.F. e ex-professor na Escola de Formação de Oficiais. De suas condecorações, destacam-se as de "Trinta Anos de Bons Serviços" e "Fidelidade ao Estado da Guanabara". Titular de várias entidades culturais, tais como: Academia Guanabarina de Letras, Academia Brasileira de Trova, Cenáculo Brasileiro de Letras e Artes, Cenáculo Fluminense de História e Letras, Sociedade Brasileira de Geografia, Instituto de Altos Estudos Históricos e Sociais, além de outras. Membro Honorário do Liceu Literário Português e do Instituto Chileno-Brasileño de Cultura (Chile). Professor Honorário do Instituto Cylleno, etc. 1.º lugar no Concurso Literário do IV Centenário da Cidade do Rio de Janeiro. Publicou: "Do Lugar da Barra à Cidade Risonha" (ensaio histórico); "Vanguardeiros do Rio-Mar", "Guanabarina" e "Rosal Fraternal" (poemas), "Poesias de Vários Autores" e "Florilégio de Cantigas" (este de trovas e os três últimos em co-autoria), além de vários trabalhos lançados em jornais e revistas no Brasil e no estrangeiro.

Res. — Av. Henrique Valadares, 17 - ap. 901 - Rio

DOLOROSA INVEJA

Eu não invejo o rico, o potentado,
nem a força, a pujança de um atleta!
Eu não invejo aquele a quem o fado
deu todo o sentimento de um esteta!

Eu não invejo o galardão dourado
que adorna a fronte do maior poeta!
Eu não invejo aquele que a seu lado
tem seu amor e nele se completa!

Eu não invejo o bom que não inveja,
que vive de alma limpa, clara e linda
como nunca, jamais a minha o foi!

Mas sinto inveja, dolorosa inveja,
daquele que tem pai, tem mãe ainda,
e de ambos pode ouvir: Deus te abençoe!

SABER

Fanal augusto cuja luz perdura
descortinando, até na noite escura,
horizontes mais amplos que os do mar,
com majestade esplêndida, invulgar,

SABER é o bem maior da criatura!
Objetivo de intérrima procura,
alvo que o homem busca sem cessar
no anseio eterno de se completar!

Sondando outrora, as ondas do oceano,
como auscultando, agora, o infinito;
fazendo seu ideal resplender,

no diuturno labor de ano após ano;
buscando em Deus inspiração, contrito,
a meta do homem sempre foi SABER!

NOS VELHOS POEMAS

Nos poemas que escrevi desde menino
e que andei escrevendo até rapaz,
baillavam rimas que hoje não combino,
que ando buscando e não encontro mais!

Com a velha lira que ainda agora afino
ao doce anseio que o sonhar me traz,
tento dar brilho à luz do meu destino,
alinhavando as rimas atuais.

Então, releio os versos de outras eras,
o refflorir de antigas primaveras,
na exumação mais doce e colorida.

E assisto, assim, ao longo desfilar
dos sonhos que rimei, vendo passar
os vultos do que fui na minha vida!

ANO NOVO

Esta noite tem mágico esplendor!
Uma fronteira está marcada no ar
e um apelo de tom inspirador
conclama as almas todas para amar!

Anda no espaço um cântico de amor
de entonação festiva e singular,
algo que o homem tenta decompor
para poder sentir, poder gozar!

Meia noite. A euforia vibra e canta
por toda parte, em festa fraternal
que alcança encantamento extraordinário!

Neste instante, uma fala sacrossanta
proclama, acima do rugir do mal,
que o próprio tempo faz aniversário!

IDEAL

Quanta rima encontrei no meu caminho!
Quanto sonho cantou meu verso quente,
interpretando todo o meu carinho
e o gosto de viver que esta alma sente!

Meu ideal, para onde eu encaminho
os anseios que escaldam minha mente,
nas suas vestes místicas de arminho,
sempre o tenho cantado honestamente!

Porém eu sinto que meus versos são
um rosário de rimas procurando
a sua verdadeira inspiração.

E, quase no final de tudo, quando
esmaecem as sombras da ilusão,
persisto, à luz deste ideal, cantando!

AQUELE VIOLÃO

A minha esposa

Aquele violão que geme, canta e chora,
tem a doce expressão que o sonho não alcança,
nos fala do passado e dos sonhos de agora
e abrandando o desespero em notas de esperança!

Aquele violão onde uma fada mora,
uma fada bondosa e que jamais se cansa
de dar à minha vida um festival de aurora,
de beijos de mulher e risos de criança!

Aquele violão tem vibração eterna,
trazendo à minha vida o cálido desvelo
de um sonho que se fez o mais profundo amor!

Se um dia se calar a sua voz tão terna,
não mais eu quero estar na terra para vê-lo
qual flor que feneceu e já não tem mais cor!

TRANSFIGURAÇÃO

Encontrei minha filha ajoelhada
ante o bercinho branco de meu neto,
terna, solícita e sem ver mais nada
além do fruto do seu grande afeto.

O quadro, ao meu olhar se fez sagrado,
e sei que meu conceito está correto,
pois era um quadro lindo e delicado,
de misticismo lídimo, completo!

E, para sempre, aquela cena exprime
um momento de amor belo, sublime
e que depura o coração que o sente!

E, na minha emoção, vi o PRESENTE,
à luz daquele amor imenso e puro,
orando ternamente ante o FUTURO!

(Soneto feito 22 dias após o nascimento de
meu neto Renato, em Volta Redonda.)

SEMENTEIRA INCOMPARÁVEL

*A José Rainho da Silva Carneiro,
legítimo e inesquecível símbolo
do imigrante português.*

Umas peúgas de lã — trabalho maternal —,
o terço em que rezou desde quando criança,
um tinteiro de chifre, a saudade imortal
e muitas coisas mais num fardo e na lembrança,

de algum lugar do amado e augusto Portugal,
refletindo no olhar a flama da esperança,
um jovem seguidor de límpido ideal,
sopitando emoções, ao destino se lança.

Transpõe o mar e, após, qual rica sementeira,
ajuda a progredir a Pátria de adoção
sem jamais esquecer a Pátria verdadeira!

No Brasil, faz maior o seu país natal!
Não reparte o amor: faz dele devoção
e põe no mesmo altar Brasil e Portugal!

CONFORTADORA LEMBRANÇA

Em todo coração há sempre uma lembrança
daquela professora, amiga incompreendida
que nos fez despertar, no tempo de criança,
a estrada do saber nos mostrando na vida.

Lembrando, quanta coisa o coração alcança!
Um gesto de afeição... A energia contida
na voz que, até zangada, era doce, era mansa...
Cuidados maternos da mestra preferida...

E seguem desfilando as páginas passadas,
até que, de repente, o tempo nos desperta,
fazendo-nos seguir as atuais jornadas.

Na luta pela vida, é tão confortadora
a lembrança que vem dizer que estava certa
a amiga maternal que foi a professora.

EXALTAÇÃO DA CIDADE MARAVILHOSA

Brilhante floração dos sonhos de uma raça
que, de triplice tronco, alteia-se, germina!
Rincão maravilhoso onde se aninha a graça,
uma graça invulgar, faceira, feminina!

O roteiro que um povo alegre e bravo traça,
falando de seresta e de Sinhá Menina,
nos mostra em cada rua, monumento ou praça
uma história imortal que a todos nós fascina!

Cidade onde o progresso ativa-se invulgar,
cantando o alegre samba e a mais bela canção!
Cidade jovial, amável, feiticeira!

Nas rimas do meu verso, eu quero te exaltar,
querida inspiração de São Sebastião!
Eterna Capital da Pátria Brasileira!

DURVAL LOBO

DURVAL LOBO (Durval Coutinho Lobo), nasceu no dia 1.º de maio de 1910, em Campos-RJ. Filho do Dr. Eduardo Ferreira Lobo e de D. Dalila Coutinho Lobo. Fez os cursos primário e secundário no Colégio Diocesano de São José, no Rio de Janeiro, prestando exames finais no Colégio Pedro II. Engenheiro Civil, Geógrafo e Eletricista pela Escola Politécnica da Universidade do Rio de Janeiro, Engenheiro-Arquiteto pela Escola Nacional de Belas Artes e Urbanista pela Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil. Professor de Urbanismo e Doutor em Arquitetura por concurso de títulos e provas. Ex-Prefeito do Município de Macaé. Engenheiro por concurso da antiga Prefeitura do Distrito Federal. Ex-membro do Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia, durante 15 anos ininterruptos. Ex-membro do Conselho Fiscal da Eletrobrás. Engenheiro aposentado do Ministério das Minas e Energia. Chefe da Divisão Especializada de Urbanismo e Diretor do Departamento de Atividades Culturais do Clube de Engenharia. Presidente do Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia do Estado do Rio de Janeiro. Presidente do Comitê Nacional de Urbanismo. Presidente do Cenáculo Brasileiro de Letras e Artes. Presidente do Conselho Diretor do Instituto Brasileiro de Estudos Antárticos. Vice-Presidente da Academia Brasileira de Trova. Vice-Presidente da Sociedade Brasileira de Engenharia de Segurança. Vice-Presidente do Conselho Diretor da Associação dos Antigos Alunos da Politécnica. Membro efetivo do Con-

selho de Administração do Instituto Nacional de Colonização. Professor-Coordenador do Curso de Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Secretário da Academia Brasileira de Arte. Membro correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Juiz de Fora. Pertence a várias instituições entre as quais: PEN Clube do Brasil, UBT, e entidades de classe, e a diversas outras associações culturais e profissionais, nacionais e estrangeiras. É detentor das Medalhas "D. Duarte Coelho", "Saturnino de Brito", e "Cinqüentenário dos 18 do Forte de Copacabana". É condecorado com a "Ordem das Cinco Estrelas" no grau de "Mestre Magistral". Foi o primeiro Presidente eleito do Diretório Central de Estudantes e é Oficial da Reserva do Exército, reformado, pertencendo à Confraria dos Camaradas da Cavalaria. Publicou: "O Uso da Terra" (tese de concurso à Universidade do Brasil), "Lágrima Submersa" (Poesia) e "Zeliamor" (Poesia). Figuram seus trabalhos em várias antologias. Tem livros inéditos de poesia e prosa.

Res. — R. Gomes Carneiro, 64 - ap. 702 - Ipanema-Rio de Janeiro RJ — ZC-37.

MÃE VIVA, MÃE MORTA (MAS SEMPRE VIVA)

Minha mãe, doce mãe, teu filho amado,
o teu único fruto, a tua essência,
morrendo de saudade, torturado,
passa a vida chorando tua ausência.

Hoje, Dia das Mães, compenetrado,
eis-me aqui, porque sei, em consequência
do cumprimento do dever sagrado,
o que mereces nesta reverência.

Em tua campa, eu choro sem cessar,
e as lágrimas, rolando sem parar,
as flores dessa tumba vão regando.

Há pérolas nas pétalas brilhantes;
eu vejo, então, que tristes, suplicantes,
essas flores também estão chorando.

LAGRIMA SUBMERSA

Fiz tantos planos... mas o meu Destino,
que espreita, arguto, o que minh'alma anseia,
vai transformando tudo que imagino
nesses castelos feitos só de areia.

Ó que poder emana, peregrino,
de um coração que ascende, que se alteia
aos píncaros do amor, uno e divino,
onde a felicidade se recreia.

E as tôrres que se elevam mais e mais
daquelas portentosas catedrais
que nascem dos meus sonhos, na epopéia

dos momentos febris dos meus delírios,
subitamente mais parecem círios
ardendo em funeral, velando a idéia.

CINZAS DE BRONZE

Tenho certeza, nosso amor é tanto,
que viverá por séculos afora,
imagem viva de tamanho encanto,
sol refulgente de sublime aurora.

E quando, enfim, calar este meu canto,
no resto da saudade que devora
as sobras do meu ser, irei, no entanto,
dar-me à morte que já não me apavora.

E tudo será pó; mas mesmo assim,
tu presente estarás dentro de mim,
no fogo abraçador que me consome,

porque os ventos dos tempos imortais
nos vazios espaços siderais,
com minhas cinzas gravarão teu nome.

PERDIDA A LUZ...

Se vivo amargurado pelas horas
que aceito constrangido, mas aceito
qual pena, coração, em que tu choras,
castigo pelo bem que não foi feito,

não cabe a mim a culpa, pois melhoras
não posso haurir, não posso ter, efeito
talvez do sentimento onde tu moras
sem vida, coração, no eterno eito.

Amar, somente amar, eis teu destino.
O amor que para mim é como o sino
que bate sem cessar, faz a vontade

de quem viveu a vida pura e mansa
e que hoje é só, somente uma esperança,
perdida a luz nas trevas da saudade.

AMPARO

Sei que você me ampara nesta dor
que tão grande sustenta esta saudade.
Quem viveu, por acaso, tanto amor?
Quem sabe de maior felicidade?

Sei que você trabalha com o Senhor
e que vive com tal tranqüilidade
na luz desta esperança e no esplendor
de um sol de sempiterna claridade.

Sei que jamais você me deixará
e cuidando de mim sempre estará,
agazalhando-me, feliz, tão terna.

A minha fé é tal que logo penso
que viveremos neste amor imenso
para sempre, por toda a vida eterna.

CONSOLO

Que faço neste mundo tão sozinho?
Que pena eu pago de tão alto juro?
Segui feliz, alegre, meu caminho
que me levou ao fim do amor mais puro.

Meu coração viveu só de carinho;
desse amor ele era tão seguro
que se esqueceu que a rosa tinha espinho
e que a Morte é a dona do futuro.

Eu sei que um dia nos encontraremos
e outra vez para sempre viveremos
juntos no céu, na luz da eternidade.

Mas nesta espera o coração amigo
que, triste, não fez jus a tal castigo,
faz da esperança um canto de saudade.

SOMENTE DE SAUDADE...

Como sofre minha alma nesta ausência!
Como padece o coração cansado!
Meu viver é questão de ter paciência,
enquanto a morte é bem tão cobiçado.

De amor, a vida é mesmo a própria essência,
e se a morte no peito amortalhado,
atira o coração em tal demência,
é que deseja vê-lo desgraçado.

A que morreu fez jus à recompensa;
o que ficou chorou a dor imensa
e desta dor compôs sua verdade:

tamanha desventura mal não cabe
no frágil coração, quando ele sabe
que vai viver somente de saudade.

VIDAMOR

Chega ao fim esta luta inglória e falsa,
e tudo que existiu se perderá;
daquilo que hoje tanto se realça,
amanhã ninguém mais se lembrará.

O que pudesse pelo bem que exalça
na lembrança ficar, também terá,
terá seu fim, porque, na ardente salsa,
a própria voz do tempo morrerá.

Não é que algo de bom não tenha feito,
basta o Destino que foi mesmo aceito,
sem queixumes, sem fel e sem maldade.

Asseguro, porém, de qualquer jeito,
enquanto o coração bater no peito,
com ele viverá esta saudade.

ZÉLIAMOR

Vejo que se aproxima o fim de tudo;
não tenho mais a luz de tua face.
Meu vulto passa quando tudo é mudo;
quem falaria se pensar ousasse?

E desse imenso amor, soberbo escudo,
fiz com a dor, sem saber, penoso enlace.
Como iria, pensei, no transe agudo,
sofrer o coração que muito amasse!

Para a terra caminho a passos largos,
não me detenho nos senões amargos,
só me perturbo se no mal descaio.

Eu sei o que se sabe da verdade,
verdade eterna da felicidade:
esta vida é somente um mero ensaio.

TRISTE HERANÇA

Que deixarei de tudo que sonhei,
de tudo que sentiu meu coração?
Que deixarei, meu Deus, que deixarei?
Que vida, quanta luta, que ilusão!

Eu fui feliz, é certo, pois bem sei,
eu tive a glória aqui na minha mão.
Eu fui rico porque, de fato, amei,
e amando o ser atinge a perfeição.

Eu quisera deixar algo bem raro,
que fosse para todos grande amparo:
um tesouro de bens os mais diversos.

Perdão, porém, amigos deserdados;
eu deixarei, perdidos, maltratados,
versos e nada mais, somente versos.

ENO TEODORO WANKE

ENO TEODORO WANKE nasceu em 1929 em Ponta Grossa, PR. É engenheiro formado e técnico de administração provisionado. Funcionário da Petrobrás, exerce suas funções no Serviço de Organização, na sede da Empresa. Poeta, trovador, ensaísta e pesquisador da trova, publicou os ensaios "A Trova" (1973), "A Trova Popular" (1974) e "A Trova Literária" (1976), estando em preparo o quarto e último volume "O Trovismo". Dedicou-se, desde o início de sua vida literária, também ao soneto; seu primeiro livro, "Nas Minhas Horas" (1953) já trazia sonetos, bem como outros que se seguiram. E muitos títulos são dedicados exclusivamente a tal forma poética: "Seis Sonetos" (1960), "Sonetos de muito amar (Lisboa, 1963), "A Mancha Negra da Guerra" (bilingüe — português e espanhol, 1964), "Os Homens do Planeta Azul" (dedicado à conquista espacial, 1964), "Os Apóstolos Modernos" (1.^a edição, 1968; 2.^a edição, trilingüe, português, inglês e espanhol, Washington, 1968), "Alma do Século" (1968), "Sonetos do Bem-Querer" (prefácio de J. G. de Araújo Jorge, 1970), "Via Dolorosa" (1972, 2.^a edição, 1976), "Alguns Sonetos" (Separata de "Nossas Poesias", organizado por Aparício Fernandes, 1974), e "Sonetos Para Dorotéia" (1974).

Alguns de seus sonetos receberam consagrações diversas, como por exemplo o "A Matemática", que mereceu de Malba Tahan um capítulo em seu livro "Matemática Recreativa" (1.^o volume, Edições Saraiva, S. Paulo, 1965, p. 101 a 103). Conquistou também prêmios literá-

rios devidos a sonetos. Mas, sem dúvida, nenhuma obra do autor teve consagração maior que o soneto "Apelo", já traduzido para mais de uma centena de línguas e dialetos diferentes, de todo o mundo, além de ter obtido respostas, paráfrases e manifestações inúmeras de poetas em língua portuguesa.

Res. — Rua General Glicério n.º 407 - apt. 602, Bairro de Laranjeiras, ZC-01, Rio de Janeiro, RJ.

O OCEANO DIA

O mar do amanhecer se instala e, leve
cativo da neblina deslumbrada,
nos vem pousar a ativa luz rosada
em nossa frialdade antiga e breve.

E acende a sombra. E então, a gente deve
sentir a solidão fria anulada,
sentir a luz de Deus na morna fada
Aurora, carne viva sobre a neve.

Há sempre uma esperança, quando raia
o oceano dia e põe na luz da praia
a ondulação dos tempos sob o vento...

A multivária vida, a vida nua
se veste novamente e continua
semeando a flor no espaço e no momento.

BODAS DE PRATA

Para minha mulher,

a 15.12.1976

As flores, esmagadas pelo duro
caminho em nossos passos, tão floridos,
deixaram seus perfumes coloridos
em tudo o que procuras e procuro.

Felicidade é um fruto já maduro,
e a vida nos encontra já sofridos...
Os filhos, tão sonhados e vividos,
já podem caminhar pelo futuro!

Agora, ao som do tilintar das taças
felizes, neste festival de graças
que nosso lar recebe do Senhor,

só peço a Deus que afaste a nuvem triste,
conserva em nós a luz que em nós existe,
e seja amor, completamente amor!

À MINHA FILHA DE 14 ANOS

Se podes namorar? Querida filha,
quem sou, para dizer? — Quando o botão
de rosa espia o mundo, ansioso, não
o impedirei de abrir-se em maravilha!

És juventude, e seguirás a trilha
do teu destino. E desabrocharão
teus dias, tua vida, do clarão
da aurora que hoje inicialmente brilha...

O ciclo do lirismo se completa
e em ti revivo anseios de um poeta
que muito ardeu de amor e muito quis...

Adivinhando as nuvens do teu sonho,
querida filha, em tuas mãos deponho
o meu consentimento. Sê feliz!

AOS JORNAIS DO INTERIOR

Eu amo os jornais pobres do interior,
os pobres jornaisinhos semanais,
do lírico soneto sofredor
coroando aniversários nas "sociais"...

Adoro os humaníssimos jornais
com seus artigos contra (ou a favor)
da Prefeitura, com seus editais
de casamento — crônicas de amor.

Não há quase o que ler nos coitadinhos,
mas, feitos com mãos negras de carinhos,
meus olhos se umedecem se os vou ler...

Retratam nos seus tipos gastos a alma
da vida docemente alegre e calma,
— da vida que eu nasci para viver!

OS CAMINHOS

(Para minha filha)

A vida tem caminhos de alegria,
a vida tem caminhos de tristeza.
A escolha é sempre aurora. E muito dia
é brusco, e muito ocaso tem beleza.

Nas trilhas se bifurca a sutileza
das decisões. As vezes, de onde havia
temor e tempestade, se irradia
um sol de amor, e a vida é chama acesa.

Por isto, como é bom ter um amparo —
— singrar a dois o mar, complexo e raro
das construções que a vida quer de nós...

Por isto, como é bom manter segura
a fé, saber que, mesmo em via escura,
há Deus conosco — e nunca estamos sós!

PIETA

(A descida da cruz)

Espadas de agonia já sofrida
põem roxo no cenário derradeiro.
O corpo, despregado do madeiro,
é lágrima de carne dolorida.

Jesus, o Cristo, o Ungido, o Deus sem vida,
regressa à terra, enquanto o nevoeiro
da noite sobe, como quem se olvida
enfim, de um espetáculo agoureiro.

José de Arimatéia desce o morto
da cruz, enquanto a tarde carregada
aumenta nosso triste desconforto...

O pranto das mulheres recrudescer,
o dia morre, a sombra em volta é prece,
e espanto, prece e dor, luto e mais nada...

A VELHA MENDIGA

A velha esfarrapada se envolveu
na noite, encolhidinha junto à porta
fechada — e tem o olhar de quem suporta
seu fim de vida como quem morreu...

E tosse muito, enquanto chove. O seu
abrigo não protege. Quem se importa?
(No fundo dos seus olhos jaz a morta
imagem de uma rosa que viveu).

Talvez já tenha sido prostituta
e visto coisas de arrepiar, na luta
cruel de mendigar amor e pão.

Porém, a noite é fria. A chuva cai,
a velha sofre, e tosse muito, e vai
passar mais uma noite feita um cão.

AO ENTARDECER

Não sei por que esta leve repugnância
de prosseguir me assalta — quando o dia
está tão leve, e vibra a fantasia
do sol tocando as folhas na distância...

Não sei por que esta fuga para a infância,
vontade de esquecer a tarde fria
na aurora da puríssima alegria
que vibra em minha velha substância...

Não sei por que estou indo pelo rumo
de procurar refúgio aonde o fumo
e o fogo das batalhas não me atinjam...

Não sei... Não saberei? Talvez eu veja
o fim da minha condição andeja
e os gestos de alegria apenas finjam.

APOCALIPSE

O cataclisma estruge! O maremoto
amotinado, ferve, em absoluta
batalha às lavas dos vulcões, na luta
do sacrifício do planeta ignoto.

A vibração atinge o mais remoto
rincão — e o fim do mundo se executa!
Abate-se uma cordilheira abruta,
elevam-se os tufões ao céu imoto!

A crosta rompe... A esfera se deforma,
o núcleo ardente, líquido e sem norma,
esguicha para o espaço pelas gretas...

E explode, enfim, o todo! E se derrama
em lavas, em fragmentos, gás e lama,
o mais soberbo e triste dos planetas!

APELO

Eu venho das lições dos tempos idos
e vejo a Guerra no horizonte armada.
Será que os homens bons não fazem nada?
Será que não me prestarão ouvidos?

Eu vejo a humanidade manejada
em prol dos interesses corrompidos.
É mister acabar com esta espada
suspensa sobre os lares oprimidos!

É preciso ganhar maturidade
no fomento da paz e da verdade,
na supressão do mal e da loucura...

Que a estrutura econômica da guerra
se faça em pó! E reinem sobre a Terra
os frutos do trabalho e da fartura!

ISAÚ ALMEIDA LÔLA

ISAÚ ALMEIDA LÔLA, filho de Egídio Pereira Lôla e Maria Almeida Lôla, nasceu a 23 de fevereiro de 1914, no lugar denominado Lagoinha, nas cercanias da cidade de Senhor do Bonfim, no Estado da Bahia. É funcionário público do Estado do Rio de Janeiro (aposentado). Poeta, escritor e jornalista (Curso de Jornalismo do Instituto Técnico Profissional do Rio de Janeiro). Publicou: "Battel dos Devaneios" (versos), Niterói, 1968; "Lampejos Literários" (crônicas filosóficas), 1970; "Poesias de Vários Autores" (em co-autoria com outros poetas), 1972, e "Trovas e Glosas", 1974. Pertence ao Cenáculo Brasileiro de Letras e Artes, onde ocupa a Cadeira 66, cujo Patrono é Mário Pederneiras; ao Cenáculo Fluminense de História e Letras, Cadeira 38, patroneada por Gonçalves Dias, e à Academia Itaboraense de Letras, Ciências e Artes, Cadeira 14, que tem como Patrono Fagundes Varela.

Res. — R. Santo Onofre, 102 - Niterói - RJ

O TAMARINDO

Enquanto vida houver será lembrado
aquele velho pé de Tamarindo
que enfeitou minha rua no passado,
e meu sonho infantil tornou mais lindo.

Desde o nascer do Sol ao dia findo,
dava ele sombra ao viajor cansado,
bons frutos às crianças e, florindo,
era dos colibris enamorado.

Dava a todos um pouco de alegria,
mas alguém muito mau, por zombaria,
destruiu sua vida tão ridente.

Morreu bem cedo o velho Tamarindo,
mas ficará, bem sei, por tempo infindo,
no terno coração de nossa gente!

CALDEIRÃO GRANDE

Desde os alegres tempos de menino
que guardo bem guardado na lembrança,
esse Caldeirão Grande pequenino
que luta sempre e de lutar não cansa.

Cumprindo o seu dever, o seu destino,
para o trabalho de educar se lança,
aos jovens dando bom padrão de ensino,
seja na tempestade ou na bonança.

O seu modesto mas valente povo,
vai construindo um Município novo
com muito amor, carinho e devoção.

E o velho Caldeirão do meu passado,
com muito gosto eu vejo transformado
na cidade TERNURA DO SERTÃO.

TUA JANELA

Eu e tua romântica janela,
já nos tornamos velhos conhecidos:
eu, lamentando a sorte junto dela,
e ela, muda, a zombar dos meus gemidos.

Tal qual um personagem de novela,
um bardo ou menestrel dos tempos idos,
fico ali, a rondar, de sentinela,
como a guardar tesouros escondidos...

Na diligência de quem não duvida
da vitória final, firme, sisudo,
não passo nunca de guardião alerta

dessa tua janela tão querida,
dessa janela que eu daria tudo
para encontrá-la gentilmente aberta!

NOSSAS CARTAS

As nossas cartas, lidas e relidas
com prazer, com carinho e com saudade,
são claramente, amor, cartas fingidas
de quem vive fugindo à realidade.

Desejamos juntar as nossas vidas,
e, medrosos, fugimos da verdade;
nossas almas queremos sempre unidas,
e esse querer chamamos de amizade.

O que temos, querida, é grande amor;
a amizade não gera tanto ardor,
e nem essa saudade que tortura.

Se não houvesse amor, as nossas cartas
não seriam, por certo, assim tão fartas
de desejos, de sonhos, de ternura!

O MENDIGO

Desconsolado, maltrapilho, imundo,
vai palmilhando o singular roteiro
do seu penar sem fim de vagabundo
que vive sem carinho e sem dinheiro.

E nessa caminhada pelo mundo,
quer ser dos infelizes o primeiro,
mostrando sempre o seu sofrer profundo
que causa compaixão ao mundo inteiro.

Ele tenta esquecer na mendicância,
sob o manto do tempo e da distância,
o grande amor de sua mocidade.

E vai passando pela vida a esmo,
na ilusão de que foge de si mesmo,
e morrendo, morrendo de saudade...

A CHUVA E O VENTO

Dentro da noite — triste, sonolento,
cansado de esperar — eu maldizia
a chuva aborrecida que caía
no meu telhado, em tétrico lamento.

Inconsolado, eu maldizia o vento
que muito irreverente, pretendia
arrastar-me através da noite fria,
para a vala comum do desalento.

Mas chegaste, afinal, mulher celeste,
e a chuva abençoei, porque tiveste
que das vestes molhadas despojar!

Bendisse o vento penetrante e algente,
que rompendo a vidraça iradamente,
minha luz acabava de apagar!

LAGOINHA

Para esquecer as horas de tristeza
da vida desvairada do presente,
volve minha alma, da saudade presa,
ao meu querido lar de antigamente.

Que recanto de paz e de beleza
a minha Lagoinha amada e ausente,
onde vivi feliz e na riqueza
da bondade sem par de minha gente!

Era um mundo de flores, de poesia,
uma canção de amor e de alegria
na voz das aves, no rumor do vento.

Como é bom visitar-te, ó Lagoinha,
na lembrança que tanto me acarinha,
nas asas da saudade, em pensamento!

MEDITANDO

Sempre aparece, quando estou sozinho,
a meditar — alma tranquila e pura —
um ser angelical, todo carinho,
e me oferece proteção segura.

E a sorrir para mim, mostra o caminho
a que minha alma com fervor procura,
e dessa linda senda eu me avizinho,
num instante de paz e de ventura.

Como a transpor os muros desta vida,
eu sinto a sensação indefinida
do preso que conquista a liberdade.

E sob clara proteção divina,
meu ser engrandecido se ilumina
no sublime clarão da Eternidade.

AGRADECIMENTO

Eu agradeço a Deus por ter nascido
longe do desencanto e da tristeza,
neste país de singular beleza,
de flores e de sol tão colorido!

Por esse bem divino, agradecido,
eu vou cantando em minha singeleza,
e à maneira de pássaro garrido,
as coisas eternas da natureza.

Agradeço, ó Senhor, por esta terra
que tanta luz e tanto amor encerra,
e faz lembrar, na forma, um coração.

Agradeço, afinal, por minha crença,
por ter comigo uma vontade imensa
de alcançar nesta vida a perfeição.

SONHO, AMOR E SAUDADE

Acalanto de sonhos de ventura,
era uma santa, a minha doce amada,
inundando de luz a minha estrada
como uma estrela peregrina e pura.

Era toda beleza, amor, ternura,
a minha inspiradora tão sonhada,
por isso fiz a jura mais sagrada:
jurei por Deus amá-la com loucura.

Mas, da morte na trágica voragem,
ela se foi, deixando a linda imagem
como que refletida sobre mim.

Só resta agora do meu lindo sonho,
o sentimento que nos versos ponho
e esta saudade atroz que não tem fim.

JOSÉ DAMIÃO DOS SANTOS

JOSÉ DAMIÃO DOS SANTOS nasceu aos 27 de setembro de 1930, em Recreio-MG. Em Petrópolis-RJ fez seus estudos secundários, formando-se em Contabilidade. No Rio de Janeiro cursou a Universidade, diplomando-se em Letras, nas cadeiras de Português e Literatura da Língua Portuguesa. Poeta, prosador, ensaísta, publicou, em co-autoria, os livros "Perseidas" (poesia) e "Cantos e Contos" (verso e prosa). É membro efetivo do Cenáculo Brasileiro de Letras e Artes, onde ocupa a cadeira patronizada por Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. Funcionário da Rede Ferroviária Federal S.A.

Res. — R. Dr. Agra, 54 - Bloco 21 - ap. 203 - Catumbi - Rio

ACALANTO

Dorme menino que é distante a amada,
A noite veio sem maior tardar,
E esta carência, assim desmesurada,
Vai ser, desperto, duro suportar.

Dorme menino, é perto a madrugada,
Foram-se estrelas, já não há luar.
Tua vigília resultou em nada...
Dorme menino e poderás sonhar.

E então terás, naquela voz amiga,
Da ausente amada, a toda amor cantiga
Que vezes tantas libertou-te aos ais,

Dando a envolver-te um mundo de carinho...
Portanto, ao invés de triste assim sozinho,
Dorme menino e despertar jamais.

BANZO

Não vou dizer que a tarde é morna ou fria
Ou que lá fora o sol é provocante,
Nem que o relógio, tiquetaquerante,
Dá-me não sei se sono ou nostalgia.

Por que dizer se é quase findo o dia,
Se meu trabalho é vivo ou saturante,
Se estou cansado ou sinto, neste instante,
Vago desejo, ou não, de companhia?

Dizer que penso em ti, neste momento,
Vai libertar-me, acaso, o pensamento,
De mil idéias sem definição?

O que fazer enfim?... onde um remédio,
Que não me seja só rima de tédio?...
Não!... sem falar em tédio ou solidão!...

COMPENSAÇÃO

Que fizeram de ti, homem que pensa,
As contingências a que chamam vida?...
Cuidas bem parca — um nada — a recompensa
Pela torrente de emoções vivida.

Olhas tua folha de viver — extensa...
Planos, idéias... — coleção sortida —
E em teu caminho — que fileira imensa! —,
As cruces — marcos de ilusão perdida.

Onde as sementes que deitaste ao mundo?...
Ao certo indagas, em cismar profundo,
Hoje que tudo tem sabor de ausência.

Ó solitário tronco desganhado,
Seja consolo o haver frutificado,
Sinal que a vida em ti teve seqüência!

DEVANEIO

Noite... eu... você... nós, quase a sós, na rua,
a caminhar sem forçar palavra.
Meu pensamento, ah!... era um só: sonhava!...
Noite... eu... você... nós, quase a sós, e a lua...

Minha existência enfim se realizava!
Esta evidência se mostrava nua.
Havia em mim quanta afeição tão sua!
Tanta ternura até me sufocava!

Eternidade feita alguns momentos!
Minha vontade foi, aos quatro ventos,
gritar o amor que me tornava um rei...

Mas... todo sonho finda, a realidade
fez-se: você — era uma vez... saudade;
eu — solidão ou tédio ou... que mais sei?!...

IDEAL

A gente escolhe a estrela mais brilhante
E sonha alçar-se, um dia, àquela luz.
Se abre-lhe os braços, ei-la mais distante...
E ela, à distância, o quanto mais seduz.

A gente pensa, então, por um instante.
O nosso anseio um pouco se reduz.
E para um astro menos cintilante
O nosso sonho agora nos conduz.

Desse ideal tendo inda a chama acesa,
Já nos contenta uma menor grandeza,
Desde que luz... é mais que escuridão.

E a mendigar por tênue claridade,
Um tropeção se dá na realidade
E a gente vê que tem os pés no chão.

LIBERTAÇÃO

Não, por favor, hoje não peçam contas
deste viver enclausurado em preitos,
códigos, normas, editais, conceitos,
risos postiços, louvaminhas prontas.

Hoje desejo caminhar às tontas,
ébrio do gozo dos mais simples feitos,
que não se ordenam por quaisquer preceitos
prestos no opor, à liberdade, afrontas.

Não, por favor, hoje me peçam nada,
que esta vontade há tanto escravizada,
presa à rotina que não tem mais fim,

Ora recusa agenda, itinerário,
para dar fuga ao louco libertário,
que sonha e sofre e grita dentro em mim.

NÃO TE DIREI...

Não te direi que muitas vezes penso
em teu sorriso, tua voz macia,
tua presença que ilumina o dia
e que me deixa a enternecer propenso.

Não te direi de meu desejo imenso
de aos braços ter-te, ó doce companhia!
que me incendeia em louca fantasia,
a quase o ponto de eu perder o senso.

Não te direi também de meus temores,
nem que tua imensa coleção de amores
em pesadelos torna os sonhos meus.

Melhor julgares importar-me nada
teu dar-não-dar de deusa idolatrada,
pois se soubesses... ai de mim, meu Deus!...

POR ORA, NÃO!...

Não me falem de amor, quando, lá fora,
A megalópole estrangula anseios,
Libera instintos, desregula os freios,
Instaura o caos e os ideais devora.

Não me falem de amor, se aos devaneios
Falta lugar no atropelar de agora
E a besta-fera, em sua vez ou hora,
Persegue os fins, não lhe importando os meios...

Não me falem de amor, quando, horas mortas,
O desespero bate em tantas portas
E muda os sonhos em desilusão.

Quando o fraterno, as relações amenas,
Cederam palco a um disputar de hienas,
Não me falem de amor; por ora, não!...

ROTINA

Caminho só. A noite é tão silente...
Árvores altas montam guarda à rua.
De um céu, de estrelas, pontilhado, a lua
Despeja luz sobre a montanha à frente.⁴

Este cenário ao máximo acentua
A solidão que mostra-me, inclemente,
Ser esse amor que busco, inexistente,
Tal qual minh'alma é de esperanças nua.

E a madrugada aos poucos se anuncia.
Sinto os prenúncios do raiar do dia...
Igual a tantos, outro amanhecer.

O sol possui o dorso da colina.
Estou mais velho e triste e só... rotina...
Nada de novo para o meu viver.

VAZIO

Qual uma tela ao branco condenada,
Também meu estro mostra-se impotente
Em retratar um fato, coisa ou gente,
Um sentimento, um gesto, uma alvorada.

Morre à garganta a voz estrangulada...
Na imensidão do estéril consciente,
Jaz o embrião de uma cantiga ausente,
Sem expressão, descolorido, um nada.

Onde andarão as cores que procuro?
Meu horizonte fez-se tão escuro,
Que não vislumbro mais um simples tema.

A inspiração alhures se homizia,
Trocou de mal comigo a poesia,
E o meu vazio é um triste antipoema.

MARIA MOURA DA COSTA

MARIA MOURA DA COSTA, nasceu em Recife-PE. Professora primária radicou-se no Estado do Rio há muitos anos, vivendo grande parte de sua vida em Nova Friburgo. Em Niterói, onde reside, esteve durante anos no "Diário Fluminense", ali publicando seus versos e crônicas e onde fez, de parceria com o jornalista e escritor Raimundo Araújo, uma página literária de grande aceitação: Poesia e Prosa Brasileiras. Em 1965 publicou, na Editora Vozes, seu primeiro livro de versos e trovas: "Acalanto de Ternura", prefaciado pelo eminente poeta campista Walter Siqueira. Em 1969 editou na Pongetti seu livro de sonetos e poemas "Quando Vieres", com prefácio do poeta riobonitenese Renato de Lacerda. Em 1971 publicou dois livros: um de trovas — "Fiapos de Sonhos", com palavras da trovadora Lilinha Fernandes e um de poesia — "Flores de Argila" — tendo este como prefaciador o Juiz poeta Sylvio Moacyr de Araújo, na Gráfica Editora Laemmert. Publicou em 1972 "Canto Sem Nome" — sonetos e poemas — na Pongetti, sendo prefaciado pelo jornalista Raimundo Araújo. Em 1975 fez seu livro "Rosto do Adeus", ainda na Pongetti, livro cujo prefácio é um apanhado de cartas do poeta piauiense Oliveira Netto. Figura no livro "Florilégio Materno" do poeta valenciano Nabor Fernandes, em "Paisagem Fluminense" do poeta Jacy Pacheco e nos "400 Trovadores do Brasil" — tomo 2 — de Aparício Fernandes. É encontrada no livro do CEBLA "Poesias de Vários Autores"; Crônicas de Vários Autores", também do CEBLA, e "Trovas de Vários Auto-

res", da Academia Brasileira de Trova", incluída, no Ano Internacional da Mulher, no livro "Poemas de Vários Autores" do CEBLA — 1975. Pertence à Associação Fluminense de Jornalistas, ao Cenáculo Brasileiro de Letras e Artes, ao Cenáculo Fluminense de História e Letras, à Academia Brasileira de Trova, à UBT, à Sala de Letras e Artes Gabriela Mistral, à Academia Pedralva, de Campos, e a várias entidades culturais do País. Em abril deste ano foi eleita para a Academia Niteroiense de Letras, onde ocupará a cadeira do imortal Leopoldo Fróes. Os sonetos que fazem parte deste livro chamam-se: "Sonetos da Ternura Antiga".

Res. — R. Aimorés, 126 - ap. 410 - S. Francisco - Niterói - RJ

SONHO

Foi meu sonho maior... intenso e belo
como poucos sonharam nesta vida:
transformarmos o instante mais singelo
numa glória de amor indefinida!

Nós dois em tudo, a arquitetar o anelo
da perfeição, na ardência desmedida
de às estrelas subir, formando um elo
entre os céus e nossa alma engrandecida.

Foi meu sonho maior... soberbo, imenso,
pleno de extravagância e de nobrezas,
previvendo em serões de eternidade...

Tão contrário à razão, que hoje inda penso:
fecundamos um cosmos de belezas
impróprio aos esplendores da verdade!

PENSANDO EM TI

Fecho os olhos... e vem o eterno adejo
de tua mão, na tarde evanescente...
Do até logo amoroso, tenho em mente
o requinte indelével do teu beijo.

E surges, no remoto e grão desejo
de abraçarmos a Vida intensamente,
o Amor prendendo milagrosamente,
fruindo o mais distante e leve ensejo!

Sei que os teus olhos nunca me esqueceram...
Teus cabelos, porém, se embranqueceram,
tua alma é a eterna jovem da partida!

E eu, que aceitei o adeus da mocidade,
tornei minha alma um templo de saudade
onde acentuas a razão da Vida!...

SAUDADES

Para Oliveira Netto

Minhas saudades! Ternas carpideiras
de meus tempos e espaços de agonias!
Vem de longe o vestígio das primeiras
condensando inocência e fantasias!

Ai, saudades das coisas verdadeiras
bordadas de ilusões e pedrarias!
Retratos das paisagens derradeiras
de venturas brilhantes de utopias!

Almas a se embeber de enlevamento,
os corações em módulos divinos,
olhar guardando a lágrima sem dor!

Minhas saudades! Força e desalento;
céus infinitos, mundos pequeninos,
rol de beleza onde escrevi o Amor!

CONSELHO

E precisas partir!... E vais agora
quando a nossa vivência mais esteias!
E tens o olhar perdido nas ameias
dos castelos de amor que vês lá fora...

Não te comovas se quebramos, ora,
os elos de ouro, fortes, das cadeias,
prendendo fibras, âmagos e veias,
— nem cause, esta razão, qualquer demora!...

Vais partir... conduzindo em tua viagem,
deste amor, que foi tudo, a expressa imagem
de alto valor nas fases da saudade...

Que não te exalces no arrependimento,
nem me invejes, se gozo o sentimento
que apelidamos de felicidade...

PALAVRAS

Para Walter Siqueira

Essas frases de amor que foram ditas
em som e tempo de amorosidade,
e as que ficaram docemente escritas
guardadas nos escrínios da saudade,

as palavras divinas, as benditas,
discernindo o negror da claridade;
essas frases pequenas e infinitas,
trememente a voz, no beijo de ansiedade,

ai, as frases de amor, surgindo à hora
em que o sonhar azul se descolora
e a vida se estraçalha em mil pedaços,

essas palavras — celsas sinfonias —
inda as tenho em meus sonhos, nesses dias
de saudade a cantar pelos espaços!

PRIMAVERA

Primavera fui eu, quando em floradas
cobri a terra, colorindo os montes!
Fui lírio branco desbrochado em fontes,
flores da noite perfumando estradas!

Fui ave cantadeira em revolteadas
dos altos céus aos planos horizontes!
E mundos religuei, formando pontes
de rosas do meu ser engrinaldadas!

Apelidaram me árvore esperança:
ramagem promissora e re florida
— a mais bonita que representei

num estágio de luxo e de abastança,
numa Estação valendo toda a vida:
um dia de ilusão em que te amei!

VERÃO

Para Manita

Não me envolvi nos cachos volutuosos
das acácias, nas ruas abrasadas...
Nem ouvi os apelos dolorosos
morrendo em nossas bocas afastadas...

Olhei de longe as vagas revezadas
beijando a praia em flocos espumosos,
françando as rochas rubras, tresnoitadas
e os leves barcos sempre aventureiros...

Juntei meu pranto ao pranto dos caminhos
de onde teus olhos desapareceram,
fartos dos velhos temas repetidos:

os mesmos cachos de ouro sem espinhos,
as mesmas almas que não se aqueceram
sob o calor dos corpos concedidos...

OUTONO

Esse outono, presente nas revoadas
gentis, das andorinhas visitantes,
amortalhou-me em folhas arrancadas
às velhas amendoeiras sussurrantes.

E meus passos, nas ruas tapizadas,
nem retardaram festivais de amantes
brindando-se em furtivas outonadas
sob adeuses de ramos soluçantes.

Como outono espalhei essa envoltória
de corpos e de mãos... letal carência
de beijos, pelas bocas esquecidas...

No outono eu fui saudade que descansa
encasulada em nesgas de esperança,
aguardando os invernos de outras vidas...

INVERNO

Entranhei-me no inverno... E num momento
era a senhora augusta da tristeza.
Troquei os meus vestidos de riqueza
pelo mando inenal do esquecimento.

Cavei, na face inerte, o sofrimento:
sulcos de indiferença e de avareza.
E, em caprichos, passei a Natureza
num inverno gelado e nebulento.

Regelei minhas mãos às mãos queridas
que me trouxeram flor e, comovidas,
meu todo cariciaram, em sono imerso...

Fui inverno sem sonho e sem saudade
dessas quadras de encanto e realidade
onde fui planta, corpo, amor e verso!

AÇÃO DE GRAÇAS

De ombros curvados, Deus, eu te dou graças
pelas razões que me trouxeste ao mundo;
de hidromel e de amor provando as taças
e, de abandono, o fel sorvendo ao fundo.

De olhos no azul, Senhor, te rendo graças
pelo trigal semeado em chão fecundo;
mesmo o joio a enredá-lo e as feias traças
do raizame esfingético e profundo...

De mãos postas acolho a dor marcante,
porém estendo os braços para a Vida,
aceitando os mistérios da amplidão.

Que minha alma, de luz toda se implante,
para que eu possa, ó Deus, quando vencida,
glorificar a tua perfeição!

MURILLO S. ARAÚJO

MURILLO S. ARAÚJO (Murillo de Souza Araújo) nasceu em Vila da Providência, município de Leopoldina, MG. É funcionário aposentado do Ministério da Marinha e membro efetivo de várias entidades literárias e culturais, entre elas o Cenáculo Brasileiro de Letras e Artes, a Academia Brasileira de Trova e a Sociedade de Homens de Letras do Brasil. Publicou: "Retalhos..." (sonetos e trovas), e, em co-autoria com outros poetas, "Rosal Fraterno", "Poesias de Vários Autores", sob o patrocínio do CEBLA, e "Trovas de Vários Autores", sob o patrocínio da Academia Brasileira de Trova. Cultor do soneto, que compõe com rigor formal, tem a publicar "Cem Sonetos Alexandrinos", "Cem Sonetos Decassilábicos", "Sonetos em Arte Maior", "Poesia em Tons Variados" e "Discursos e Conferências".

Res. — R. Santa Catarina, 474 - Mesquita - RJ

EXALTAÇÃO A MULHER

A mulher, em geral, se acaso o mal floresce,
transmuda-se em serena e singular bandeira;
se a mágoa abriga, logo a mágoa desvanece
e faz desabrochar a mulher verdadeira.

É tudo na família, a força e o bem da prece
que sustenta, sozinho, a humanidade inteira;
se a enfermidade grassa, ela piedosa cresce
encarnando o papel sublime da enfermeira.

Esposa e Mãe que sofre e sente e sonha e chora,
mas vendo em cada filho alheio o próprio filho
se eleva ao Infinito, iluminando a aurora...

E pelo bem que almeja aos semelhantes seus,
ela guarda, no olhar, o indecifrado brilho
que reflete, na terra, a presença de Deus!

OBSESSÃO

Se encontrares na insulsa estrada alguém sorrindo,
feito um lírio vestido em ridente esplendor;
há de ser ela mesma, o meu primeiro amor,
aquele amor vivendo e amores repartindo.

Há de ser ela, o mundo inteiro refletindo
naquele seu olhar de luz e de calor,
que livrou-me do guante aspérrimo da Dor
e revelou-me, em tudo, a vida refluindo.

Hoje, cada um de nós vive o seu próprio mundo,
mas cuido contemplá-la, às vezes, me acenando
de uma estrela qualquer, no azul alto e profundo...

E, no delírio, vejo-a errando no jardim,
e ouço, na voz do vento, uma voz sussurrando
aos anjos, lá no céu, que cantem para mim!

O PERFIL DO POETA

Cultor do Belo e dele eterno namorado,
o Poeta permuta as púrpuras romanas
pelo Bem de alcançar as emoções humanas
e nelas, definir o excesso visionado.

Herdeiro de um tesouro em cismas modulado,
pode tirar do Nada as doces filigranas
onde vai ressaltando as graças soberanas
que apenas Deus, teria acaso imaginado.

Por isso ele consegue arquitetar no Sonho
a Beleza eternal do esplêndido e medonho,
concebida através do sentimento imerso...

Assim, se explica a glória e a senda colorida
que o Poeta percorre, eternizando a Vida,
numa conquista feita, apenas com seu Verso!

A ETERNIDADE DO AMOR

Eu sei que o amor não morre assim, tão facilmente,
como pelos jardins se vão morrendo as flores,
que embelezam a vida em profusão de cores
e deixam, pelo chão, a pétala e a semente.

No amor, se amor de fato existe, é diferente,
ele não agasalha os sonhos multicores,
quer ser amado e deixa imensos dissabores,
quando se vai de nós e permanece ausente.

Por isso ele não morre e tampouco envelhece,
mas no peito do amante estranhamente cresce
em ondas de desejo e sentir eloquente...

Conserva, pois, o amor que acoso tem contigo,
não o faça, jamais, algoz do teu castigo,
porque ele vai, mas fica em nós... eternamente!

BALADA NASCISISTA

Namorado da vida, amei-a intensamente,
e fi-la confidente, enfim, do meu segredo,
falei-lhe do meu sonho e do secreto enredo
que teci tanto tempo, apaixonadamente.

Ela tudo escutou, serena e complacente,
e fez promessas tais... que assimilei a medo...
para entender, depois, que tudo era brinquedo,
a vida nunca atende aos anseios da gente.

E desde então quebrou-se, em mim, aquele encanto
do amante que sofreu por desejá-la tanto
e a viu, frivolamente, ironizando a esmo...

Assim, em face a tão amargos desenganos,
lhei de ser, doravante, até o fim dos anos,
o gentil namorado, apenas, de mim mesmo!

MIGALHAS DE SONHO

Na solidão, Amor, também fico tristonho,
mas vou tecer, contrito, em fervorosas preces,
o verso onde coloco as migalhas de sonho
com que arrimo o viver, enquanto me apareces.

Será por isso, Amor, que pareço risonho,
mas o meu riso existe, apenas, quando desces
lá, da infinita altura, onde os meus olhos ponho
para absorver a paz que, eterna, me ofereces.

E não queiras saber o amargo desalento,
quando apartas de mim, no sorriso levando
o divino clarão que lá, no firmamento,

se vai, de estrela a estrela, arrebanhando o encanto,
que tanta vez recolho e vou deixar, vibrando,
no doce modular da estrofe do meu canto!

A MINHA POESIA

A minha Poesia há de, envolvente e mansa,
ir derramando, em tudo, esta emoção serena,
da carícia gentil de um roçagar de pena
e o sublime embalar de um sonho de criança.

Há que reter, da Forma, a esplêndida nuance
onde o Estilo encarnando a sutileza plena,
possa deixar, no Verso, essências de Verbena
e refletir, do Artista, a inteira segurança.

Será um doce arrimo a quem a sós, consigo,
enfrenta a tempestade em busca desse abrigo
em que o ser padecente aspira a repousar...

E terá do singelo a singular leveza
que alarga as dimensões da própria Natureza,
pregando a liberdade indômita do Mar!

CABELO BRANCO

Minha mãe, tão formosa, está velhinha agora,
mas para mim parece um jatobá na mata;
e como o jatobá, quando sorri, se enflora,
deixando sensações de placidez abstrata.

A voz que, então, vibrou envolvente e sonora,
qual formosa sineta esculpura em prata,
tem hoje a mansidão de um despertar de aurora,
quando o sol vai doirar as águas da cascata.

As covinhas do rosto agora sulcos fundos,
como o leito de um rio onde a vida correndo
vai alcançar a paz dos mistérios profundos...

E o olhar, que já brilhou outrora belo e franco,
guarda a mesma doçura onde fui recolhendo
cada verso que fiz ao seu cabelo branco!

AO RITMO DAS CONVICÇÕES

Eu sei que sou a eterna e universal Razão
de tudo que conheço e venha a conhecer;
por isso, no meu peito, existe um coração
subordinando a vida ao fato de bater!

Sei que sou Luz, brihando em densa escuridão,
a refletir, em tudo, a sede de viver,
qual nota dominante e estranha da canção
que ninguém decifrou na escala do Saber!

Mera composição de todas as substâncias
sou ginete do Sonho, errando nos caminhos,
procurando a medida exata das distâncias...

Mas, sinto que depois de tanta caminhada,
não consegui cantar igual aos passarinhos
e sigo, sem destino, a minha própria estrada!

QUANDO RETORNAR A PRIMAVERA...

Espera um pouco, Amor, a natureza agora
está refloreescendo a intérmina campina;
o sol virá mais cedo, iluminando a aurora
dessa bendita luz da placidez divina!

Espera um pouco mais, o relvado lá fora
vai se livrando, pouco a pouco, da neblina;
caminharás, depois, tranquila e sem demora,
sobre o leve tapiz da relva esmeraldina!

Serenas radiações seguir-te-ão os passos
e, na distância, o céu a bendizer-te a vida,
fará os serafins alçarem-te nos braços...

E quando retornar, por fim, a Primavera,
o nosso encontro, lá pela estação florida,
será mais belo, Amor, tem calma: espera... espera!

NEMÉCIO CALAZANS

NEMÉCIO CALAZANS nasceu em Palma de Monte Alto, BA. Romancista, poeta e trovador. Publicou: "Astros Brilhantes" (Poesia), "O Sol Doura a Montanha" (Romance), "Há Sempre um Amanhecer" (Novela), "Do Bem Querer" (Trovas) e "Heliotrópios" (Poesia). Membro do Cenáculo Fluminense de História e Letras, da UBT e de outras associações culturais.

Res. — R. Miguel de Frias, 59 - ap. 1401 - Niterói - RJ

SONETO DO CAMINHADOR

E vencendo, por fim, a caminhada
que viera de séculos remotos,
lançou as vistas para a nova estrada
sem pedras, sem buracos, terremotos...

Era já tempo de conter batalha
e se quedar na glória dos heróis
que após tanta peleja por medalha
só pretendem a alvura dos lençóis.

Mas, eis que grita o lado da discórdia
dos outros caminhantes que surgiram
e não se conformavam com a concórdia.

Pediam serras para atravessarem,
rios de cachoeiras... mais pediram,
nunca pousadas para descansarem...

SONETO DA TRANSUBSTANCIAÇÃO

Ai, quem me dera, pelo mundo em fora,
 buscar razões das almas magoadas...
 trazer em mim o fogo que devora
 ânsias de preconceitos alteradas.

E maldizendo o erro de quem chora,
 varrer da mente as faces enrugadas
 que só demonstram, disfarçado, embora,
 o vil prazer de serem maltratadas...

E desdizendo as pencas de verdades
 ditas pelos que usam talismãs,
 mesmo que o céu me ruja tempestades...

Ai, quem me dera haver essa coragem
 que me traria flores às manhãs
 e condição de converter miragem...

DOIS SONETOS DA RECOMPOSIÇÃO

I

E navegando em mares agitados,
 sem a gerência de nenhum destino,
 deixa que a nau se encolha entre os escolhos
 que os olhos não divisam, por escusos...

Entretanto, contendo o desatino
 de não saber sequer aonde vai,
 embala-se em amores impudicos
 e em esperanças que jamais reteve,

aguardando que o leme solto aos ventos
 dirija a proa a rumos ignotos,
 mas certamente em mar de pouco fundo,

onde os escolhos sejam divisados,
 a maresia não tresande tanto
 e outros barcos por perto, em saudação...

II

Porque, se a lua é gorda em céu de pouco fundo,
a mata que a recebe entra em delirium tremens,
o mar não perpetua espécies, pelos sexos
sem pai nem mãe, à luz dos espermatozóides.

Então, se esconde o sol por um nascente impuro,
como impuros serão a carne, o peixe e o vinho,
que não dão leite, nem ovas, nem força-vitae,
e se destroem ante impulsos negativos.

Porque, se a Via-lactea esplende seu luzeiro,
o espaço que a retém alarga-se em cismares
que geram outros céus maiores mas não vistos,

por terem de permeio eras indefinidas,
onde funcionam sem se porem à deriva
galáxias de expansão tridimensional.

SONETO DA BOA VONTADE

Por cima esta vontade incorrigível
de corrigir o que não tem mais jeito
e sorrindo apertar de encontro ao peito
alguém que se tornou inatingível...

e dar as costas a qualquer direito
que não seja o suposto imprescindível
ao puro anseio, embora seja incrível
tolerar tolerância sem conceito.

Porque, se vago é o fim, um tal princípio
jamais iniciaria o pressuposto
de premissas sem fim e sem início.

Mas, dado é conceber o assunto, posto
ante a necessidade de um alívio
que traga concordância e largo encosto.

SONETO BRANCO

Depois que as flores se inclinaram, murchas,
e o vento congelou o descampado,
o sinal combinado não surgiu,
e as águias e os pardais se entristeceram.

Então, as nuvens negras que passeavam
num pedaço de céu inconsistente
reuniram-se, concordes, na revolta
dos elementos antes dispersados.

E as águias e os pardais, de asas cortadas,
recolhidos nos ermos das cavernas
pouco podiam pelo muito feito

que deixaram de lado, aos vermes soltos
e às garras das panteras esfomeadas
por séculos de dor e privação.

3 SONETOS DA PRESERVAÇÃO

I

É que sabendo que jamais se sabe
do tempo distribuído a percorrer
tal estrada sem tarde e alvorecer...
um começo de fim que não se acabe

em dor proposital de mero ser
que numa gota d'água aos pares cabe
e exige, pelo olfato, que se babe
sobre o esterco, que é vida a florescer...

Vai-se sabendo que não pode vir
sem que se vá... embora revoltadas
pelo açoite do vento a prosseguir

as águas distribuam chicotadas
entre elas, sem tentarem distinguir
que o chicote a vibrar são alvoradas.

II

Porque, sabendo que não se sabe aonde
se vai, é sábio conhecer a ação
negativa que cerca a orientação
de quem pensa a pergunta e não esconde

o desejo que traz a inquietação
de indagar o que nunca se responde,
mesmo temendo caminhar por onde
a verdade se torne negação .

Porque, aqueles que aceitam por falarem
ou por doutrinas tidas a valer,
dizem que sabem sem jamais provarem,

firmam no dito mais por um prazer,
demonstrando, outrossim, ao comentarem,
receio do que mostram conhecer.

III

É que, se sabem, tremem ante o óbito
dos outros que se vão, quando ficar
seria o ideal, a transformar
o que se disse em fora de propósito.

Já que a mudança é boa, estacar
poderá exprimir um despropósito,
como fruir herança sem depósito
para depois a ruína lamentar...

Que, se as águas correndo em cachoeira
vão-se purificando do ruím,
não quer dizer penhor à ribanceira...

Como acontece às messes de um jardim:
— a flor que morre deixa sementeira,
a preservar o ciclo do seu fim.

SONETO DA PURIFICAÇÃO

Porque, se tento a paz, ante a aflição
das ondas que se batem contra a praia,
não me preocupa o abrigo da lacreia
nem anjos desfilando em procissão,

leves e santos, pelo bem da ação
que deu por mal o clarinar da vaia
contra a alvura, desde que o negro caia
na incúria onipotente do perdão.

Porque, se castigar gera impureza,
as ondas que se batem são do mar,
e o mar é fúria, é força, é desamor,

por fora, que no fundo, em natureza
sutil e mansa, como céu de luar,
é corola de luz de intensa cor.

RUY AFRÂNIO PEIXOTO

RUY AFRÂNIO PEIXOTO, filho de Alvaro Afrânio Peixoto e Maida Afrânio Peixoto, nasceu na cidade do Rio de Janeiro, a 13 de junho de 1918.

Educador, advogado, dedica-se também a poesia, música, pintura e escultura.

No gênero poesia publicou: "Versos" (1944); "Poesias" (1956); "Chão de Estrelas" (1961) e "Em Cada Esquina. Um Encontro" (1973).

Possui obras publicadas em outros gêneros, como educação, direito, música, história, ensaio, romance, conto e biografia.

É diretor do Instituto de Educação Afrânio Peixoto, membro da Sociedade dos Homens de Letras do Brasil, do Cenáculo Brasileiro de Letras e Artes, da Academia de Letras e Artes de Nova Iguaçu, da Academia Nilopolitana de Letras, da Academia Cachoeirense de Letras etc.

Res. — R. Afrânio Peixoto, 99 - Nova Iguaçu - RJ

COGITAÇÕES...

Se a nossa vida fosse apenas a seqüência
Desses fatos que vêm e vão depois embora,
Secando em cada olhar o pranto que alguém chora
Nos embates brutais e amargos da existência,

Talvez prevalecesse a plácida coerência
Que preside o concenso, onde por certo aflora
A branda luz que nasce ao despertar da aurora,
E fica iluminando a mórbida consciência.

Mas tudo mal alcança o ciclo da quimera
E cada ser se esforça, apenas, em ser fera
Aos outros seres, sem apelo, devorando

Como se decretasse a fase derradeira
De quem arrosta o mal da humanidade inteira,
E tem de agradecer o que lhe vão negando...

GÊNESIS

Quando surgi do abismo e Ser no Espaço,
E, enfim, no tempo finalmente ser,
Não encontrei razão para viver
O conflito do lusco-fusco baço.

A mim mesmo, ascultando, a cada passo,
Imaginei, decerto, o Bem sorver,
E, na carne busquei este prazer
Na vertigem voraz do meu cansaço.

Desci ao Fui e Ser dos moribundos
Para entender o Nada, entre dois mundos,
E, no Presente, ver o desamor...

Entendi, afinal, que tudo passa,
E o ser humano vive essa desgraça
Para volver melhor ao Criador!

SUBLIMAÇÃO

A alma fica melhor, quando o jugo sacode
E transcende, mais alto, acima dos pesares,
Erguendo, com amor, aos divinos altares
Onde rezar, contrita, a quem rezar não pode!

E convertendo em sons a imensa dor que explode
Caminha, engrandecida, engalanando os ares,
Buscando sorridente essências luminares
A conduzi-las, grave, ao soturnal Pagode.

De lá retorna e vem de radiações seguida,
Iluminando a treva insondável da vida
E, ao redor, derramando os imensos fulgores

De uma luz que reflete o doce sentimento
E chega a Deus, transpondo o próprio sofrimento,
Transmutando o pesar em pétalas de flores!

FANTOCHE

Levado nas agruras desses ventos
Trazidos na longinqua Asa do Então,
Conduzindo talvez os meus lamentos
Perdidos no sem-fim da solidão.

Achei-me frente a frente aos meus tormentos,
E procurei no campo da Razão
Argüi-los, afinal, sobre os eventos
E do imenso esplendor dessa emoção.

Assim pude alcançar, em castas cismas,
Entre fatais travores e saudade
Olhando, certamente, doutros prismas

A vida que se esvai nessa constante
Escorrendo sutil, com suavidade,
Marcando o passo do soturno instante...

DEO GRATIAS

Entendi, na partida, apenas ser um crente,
E procurei, depois, olhando a vastidão,
Erguer um belo altar onde toda a emoção
Guardasse aquele encanto, imenso e permanente.

E fiz-me bem melhor, quando me fiz ciente,
Alcançando, suponho, a estrada da Razão
Que nos faz ascender, em pós do coração,
As alturas da paz constante e reverente.

Atravessei o Mar de todas as borrascas,
Bebi, se bem recordo, em centenas de tascas
O mesmo vinho dado aos maus e aos generosos...

Agradei a Deus, em preces mais contritas,
As graças que alcancei em orações aflitas,
E nunca fui pequeno ao pé dos poderosos!

BUSCA

Implorei do Senhor a dádiva divina
Que, às vezes, se aproxima afável, comovida
Quando a alma vai beber, cansada e pequenina,
Na fonte sideral de uma ilusão perdida.

Desde então, solicito a Deus que nos ensina
A linguagem da crença, ansiada e apetecida,
Que elimine, de vez, esta mágoa assassina
Para tornar mais doce e clara a nossa vida.

Minha crença, no entanto, agora fraquejada,
Vai descambando para a incerteza de abismo,
Vencida pela espera e de esperar cansada...

Mas, vendo o céu azul e as estrelas tão puras
Cuido que existe Alguém assistindo o heroísmo
E que zela por nós das siderais alturas...

DIALOGO DAS DISTANCIAS

Buscamos ver, de novo, a paisagem agreste,
Onde o amor fez nascer, em ridente transporte,
A esperança divina e aquele dom celeste
Que elastifica a vida, a despeito da morte.

Tudo estava disposto, ali, numa inconteste
E festiva harmonia entre o frágil e o forte.
A floresta, trajando indesejada veste,
E a brisa, circulando a paz que vem do norte.

Lá longe, a serra azul tranqüila cachimbando
E o lépido regato entre pedras correndo,
De queda em queda o som das coisas modulando...

Mas, naquele painel maravilhoso e vário
Cuidei sentir, Ó Deus, em cismas me perdendo,
Que o nosso amor fugia às pressas do cenário!

AQUELE SONHO

O sonho, eu sei, você não pode decifrá-lo
Porque sonhar resume em transcender alturas
A que somente vão as serenas criaturas
Que entenderam o sonho e puderam amá-lo.

Ele jamais se achega a quem busca evitá-lo,
Ou não pode alcançar, nas mansas tessituras,
Aqueles radiações invulgarmente puras,
Que vivem da emoção de que nem sempre falo.

Busquei vencer, sozinho amargas oponências,
Que sabemos haver no olhar de toda gente
Como arauto fatal de infaustas conseqüências...

E, agora, me pergunto, angustiado e tristonho:
Se tanto amei, se tanto amamos, certamente,
O que fizemos nós, Amor, daquele sonho?!

EU E O MAR

O Mar, que o meu olhar percorre e sempre sonda,
Vai exibindo, quais eternos brincalhões,
Os murmúrios... E estruje, e revolto se estronda
No choque milenar com velhos paredões.

Nesse instante, em sutil colóquio, o luar e a onda
Vão modulando, em doce auréola de ilusões,
Os encantados sons que, às vèzes, a alma ronda
Do estranho carrocél repleto de paixões.

Cuido, assim, que as razões de todas as canseiras,
São para o Mar e são a todo ser que sonha
As mesmas igualmente e sempre verdadeiras...

Somos todos iguais, na vida, algum momento,
Quando se extingue, em nós, a luz casta e risonha
Que consegue anular o próprio Sofrimento!

PRECARIAMENTE...

Não há de ser à-toa essa constante
E perpétua razão do sofrimento,
Que fica em nós de forma alucinante
E anula, até, o próprio sentimento.

Ela existe em função predominante
Para, de certa forma e algum evento,
Sobrepôr-se a doçura cativante
E sacudir o velho entendimento.

Assim, o homem opondo-se ao destino,
Não passa de um falido padecente
Que vai de desatino em desatino.

E patinando sobre um tal engano,
Luta para afirmar, precariamente
A própria condição de ser humano!

ÍNDICE

Alvaro Faria	Págs. 7 a 18
Alda Pereira Pinto	" 19 a 30
Alfredo Moraes	" 31 a 44
Anazildo Ribeiro	" 45 a 56
Durval Lobo	" 57 a 68
Eno Teodoro Wanke	" 69 a 80
Isaú Almeida Lôla	" 81 a 92
José Damião dos Santos	" 93 a 104
Maria Moura da Costa	" 105 a 116
Murillo S. Araújo	" 117 a 128
Nemécio Calazans	" 129 a 140
Ruy Afrânio Peixoto	" 141 a 152

COMPOSTO E IMPRESSO
NAS OFICINAS DA
GRÁFICA OLÍMPICA EDITORA LTDA.
RUA DA REGENERAÇÃO, 475 - BONSUCESSO
RIO DE JANEIRO, RJ - BRASIL
EM NOVEMBRO DE 1976

poética rejeitada pelos modernistas, mas que tem ainda larga aceitação entre os tradicionalistas, particularmente entre os acadêmicos. Aliás, acadêmicos — membros das diversas academias de letras do país — são quase todos os autores neste livro.

Dentro da unidade formal, desta rigorosa forma fixa de composição que é o soneto, o leitor há de observar, por certo, a diversidade natural entre poetas de diferentes tendências e fará seu próprio julgamento.

Estamos certos, porém, de que, lendo estes SONETOS DE VÁRIOS AUTORES, o leitor encontrará algumas jóias literárias e terá algumas informações preciosas, através das notas biobibliográficas que precedem as composições de cada autor.

